

Desafios para a transcrição diplomática do manuscrito “O Almada”

Flávia Barretto Corrêa Catita

Resumo

Nesta comunicação, serão discutidos alguns dos desafios encontrados para a realização da transcrição diplomática do manuscrito “O Almada”, de Machado de Assis. O manuscrito está em posse da Academia Brasileira de Letras e foi, recentemente, disponibilizado para acesso remoto pela internet. Esse documento é composto por duas versões da Advertência ao poema herói-cômico, mais os fragmentos dos oito cantos, totalizando 209 fólios. Os fólios são, em sua maioria, em papel almaço pautado escrito apenas na frente com alternância de linhas. As folhas introdutórias dos cantos são em papel almaço sem pauta; com uma caligrafia diferente da de Machado de Assis. Os materiais usados para escrita variam entre bico de pena em tinta preta e azul (embora pareça roxa na digitalização) e também lápis grafite. O manuscrito apresenta ainda algumas colagens de fólios e muitas rasuras, tanto autorais quanto de mão desconhecida. Algumas dessas rasuras são de difícil decodificação e, junto com a desorganização do material (falta de numeração, fólios fora de ordem), apresentam um desafio para a transcrição diplomática do manuscrito. Durante a comunicação, será feita uma discussão sobre esse processo, assim como uma apresentação de algumas estratégias que estão se mostrando úteis para facilitar o trabalho de transcrição.

Palavras-chave

Machado de Assis; “O Almada”; transcrição

¹ Flávia Barretto Corrêa Catita é doutoranda em Literatura Brasileira, sob orientação do Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães, como bolsa do CNPq. É autora da dissertação *Por uma edição crítico-genética virtual do livro Histórias da meia noite, de Machado de Assis*. Bolsista CNPq. E-mail: flavia.correa@usp.br.

Pierre-Marc de Biasi (2002:243) afirma que os dois piores inimigos da crítica genética são a desordem cronológica e a destruição material dos documentos. De fato, o desconhecimento de qual rascunho veio antes do outro e os papéis desaparecidos ou jogados fora dificultam muito o trabalho de reconstituir o processo de criação de uma obra. É importante lembrar, entretanto, que existem algumas ressalvas a fazer sobre esse conceito de “processo de criação”. Nesta comunicação, apenas serão apontados, brevemente, alguns pontos importantes. Primeiramente, como afirma Genette (1987), é necessário lembrar que só temos acesso ao prototexto (ou seja, o conjunto de papéis, rascunhos, roteiros organizados pelo pesquisador que correspondem à preparação de uma obra) que o escritor nos deixou, portanto, não é possível elaborar uma hipótese que dê conta do processo de criação de uma obra e que permita reconstruir esse percurso, pois o que existe é uma ficção construída, já de antemão, pelo próprio autor. Segundo ponto: os papéis perdidos ou as partes faltantes do dossiê, serão, até segunda ordem, sempre um mistério para o pesquisador. Ele poderá até questionar qual seria o conteúdo desses fólios e por que desapareceram, mas fará nada mais do que apenas suposições.

O manuscrito do poema “O Almada” apresenta as duas dificuldades citadas acima, além de outras. Para contextualizar os ouvintes, é necessário fazer uma breve apresentação desse material, que faz parte do Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras. Esse manuscrito autógrafo de Machado de Assis é composto por duas versões da Advertência ao poema herói-cômico “O Almada”, mais os fragmentos dos oito cantos, totalizando 209 fólios. Os fólios são, em sua maioria, em papel almaço pautado escrito apenas na frente com alternância de linhas. As folhas introdutórias dos cantos são em papel almaço sem pauta, com uma caligrafia diferente da de Machado de Assis. Os materiais usados para escrita variam entre bico de pena em tinta preta e azul (embora pareça roxa no documento digitalizado) e também lápis grafite. O manuscrito apresenta ainda algumas colagens de fólios e muitas rasuras, tanto autorais quanto de mão desconhecida. O documento está dividido em 18 cadernos, dentre os quais, os cadernos 3, 17 e 18 estão mais desorganizados.

A primeira dificuldade que se apresenta é a falta de numeração do documento; a única fixidez que existe (e ainda, discutível) está no arquivo digitalizado. Os demais fólios estão soltos, sem numeração e sujeitos a serem postos fora de ordem cada vez que um pesquisador trabalhar com eles. Uma nota de Plínio Doyle (responsável por organizar o material em 1976), que antecede o manuscrito afirma o seguinte:

Os originais de *O Almada* (poema herói-cômico em oito cantos), de Machado de Assis, foram colocados em ordem, de acordo com a publicação feita em *Outras relíquias*, Edição Garnier, de 1910.

As páginas dos originais não foram numeradas, e as indicações dos números dos “cantos” e de suas subdivisões estão muito alteradas e emendadas pelo autor.

Observamos a falta de alguns trechos nos originais, bem como a existência de divergências entre os dois textos; e ainda, alguns trechos dos originais estão incluídos na publicação em “cantos” diferentes.

Há uma variante da “Advertência” que está assinada pelo autor, e há também “notas” que não foram incluídas na publicação. [...]

Só pela descrição da nota, é possível perceber a desorganização do material. A primeira informação questionável é a de que o manuscrito foi posto em ordem de acordo com o texto de *Outras relíquias*, que, como sabemos, foi coligido postumamente. Ou seja, a própria disposição das páginas do manuscrito pode não ser (e, provavelmente, não é) aquela deixada por Machado de Assis, mas sim pelo organizador de *Outras relíquias*. Tal procedimento, de comparar o manuscrito à obra acabada não é incomum, mas não traz propriamente benefícios para a compreensão da gênese, porque desvia o nosso olhar para o produto final e não para o processo.

No segundo parágrafo da nota, há a informação de que existem várias alterações e emendas nos números dos cantos feita pelo autor. Pode-se considerar que se trata do autor Machado de Assis. Entretanto, consultando atentamente as folhas dos manuscritos, é possível identificar outra caligrafia que não a de Machado em várias dessas rasuras.

A nota descreve a existência de várias divergências (trechos, notas, número dos cantos) entre a publicação em livro e o manuscrito. Durante o trabalho com o manuscrito, ficou claro que existiu uma outra versão que foi, de fato, enviada para a tipografia e que essa versão que nos restou é apenas uma parte do processo criativo, um exemplar

de trabalho.

Já que a tarefa do geneticista consiste, entre outras coisas, em tornar acessíveis e legíveis os manuscritos com que trabalha (GRÉSILLON, 2007:29), foi necessário encontrar uma forma de transcrição que possibilitasse isso. Foi considerado, na maior parte do tempo, a ordem dos fôlios proposta no documento digitalizado. Existem algumas folhas dos cadernos 3, 17 e 18 que estão claramente fora de ordem pois o conteúdo se refere a notas explicativas que deveriam vir ao fim do documento (caderno 3) ou ao conteúdo da Advertência publicada em momento anterior (por exemplo, caderno 18). Nesses casos, o material foi reorganizado seguindo a ordem que fazia mais sentido.

Optei pela transcrição diplomática para representar de modo mais fiel o manuscrito. Segundo Grésillon (2007:170-1), existem alguns pontos importantes a se considerar nesse tipo de transcrição, como: a reprodução da ortografia e pontuação originais, assim como os sinais metaescriturais; e a apresentação do original facsimilar ao lado da transcrição. Essa é uma tentativa de procurar representar a multidimensionalidade e polimorfia do documento, embora reconheça que existem restrições e distâncias insuperáveis; nunca uma transcrição, ou mesmo um fac-símile, substituirá o manuscrito.

Como afirma Louis Hay:

toda transcrição de manuscrito é modelada por um olhar, o qual, por sua vez, deve ser modelado também pela realidade do seu objeto, se deseja produzir dele uma representação adequada. (HAY, 2002:36-7)

Foi necessário, então, pensar em alternativas para representar as mudanças de instrumentos de trabalho (lápiz, tinta preta, tinta azul) e os desenhos e marcações nas folhas. A solução mais conveniente por enquanto foi usar o editor de texto Word (apesar das limitações inerentes a esse tipo de programa) para ilustrar essas mudanças e proceder à transcrição propriamente dita. Durante a apresentação, serão mostrados alguns exemplos desse trabalho, na esperança de poder contribuir com algumas soluções e se beneficiar da troca de ideias com outros pesquisadores que também se aventuram pelos meandros dos manuscritos.

Referências bibliográficas

BIASI, Pierre-Marc de. “O horizonte genético”. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: 2002. pp.219-244.

GENETTE, Gérard. *Seuils*, Paris, Éditions du Seuil, 1987. *Apud*: PINO, Claudia Amigo. *A ficção da escrita*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HAY, Louis. “O texto não existe”: reflexões sobre a crítica genética. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: 2002. pp.29-44.